

# ACERVOS ETNO-FOTOGRAFÍCOS E PESQUISA ANTROPOLÓGICA:

## Representações imagéticas sobre povos indígenas em

### Curt Nimuendajú e William Crocker<sup>1</sup>

Adalberto Luiz Rizzo de Oliveira - UFMA<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Acervos Fotográficos, Curt Nimuendaju e William Crocker, Apaniekrá e Ramkokamekra Canela

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta comunicação é analisar o trabalho etnográfico e imagético dos antropólogos Curt Nimuendaju e William Crocker, com ênfase nas respectivas produções fotográficas sobre os povos originários Apaniekrá e Ramkokamekra (Jê-Timbira), conhecidos regionalmente como Canelas, localizados no centro-sul do Maranhão<sup>1</sup>.

Parte-se de questões teóricas que relacionam a Antropologia visual com a memória social (KOSSOY 2001 e 2002, HALBWACHS 2004, dentre outros), confrontadas a fotografias e dados etnográficos presentes em livros e artigos de Curt Nimuendajú, e William Crocker, bem como nos respectivos arquivos. Exponentes das pesquisas sobre os povos Jê, Nimuendaju e Crocker constituem paradigmas da Antropologia no Brasil, especialmente da chamada Etnologia Indígena.

Autodidata, o alemão Curt Unkel chegou no Brasil no início do século XX. Logo deslocou-se para interior de São Paulo, onde iniciou junto aos Guarani na região do Rio Batalha, sua trajetória de etnógrafo e indigenista, com os quais permaneceu de 1905 a 1912. Transferiu-se para Belém (PA) em 1913 e a partir desta Capital desenvolveu até 1944, seu projeto etnográfico junto a povos indígenas do Cerrado e Amazônia brasileira.

De formação acadêmica, curador e pesquisador vinculado ao Museu Nacional de História Natural do Smithsonian Institution (EUA), William Crocker iniciou em 1957 suas pesquisas com os Apãnjekrá e Ramkokamekrá Canela, as quais se estenderam, sem interrupção, até a década de 1970 e, de modo intermitente, até 2011.

As produções imagéticas – fotográfica e fílmica – de Nimuendaju e Crocker revelam temáticas sobre a diversidade cultural e a dinâmica histórica dos Jê Setentrionais, especialmente dos Apãnyekrá e Ramkokamekra Canela e suas relações junto à sociedade brasileira regional e às agências tutelares (SPI e FUNAI).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª. Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024)

<sup>2</sup> Professor Associado junto ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador e líder do Grupo de Pesquisa em Etnologia e Imagem – UFMA.

Parte do acervo de Curt Nimuendaju aqui considerado refere-se a um conjunto de fotografias sobre os Canelas produzidas no período de 1928 a 1936, que constituem a Coleção Carlos Estevão de Oliveira, localizada no Museu do Estado de Pernambuco. Essas imagens resultam de viagens etnográficas feitas aos Canelas e outros povos Jê-Timbira e da relação profissional entre Nimuendaju e o advogado pernambucano Carlos Estevão de Oliveira, que exerceu o cargo de Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, em período similar.

Essas relações são evidenciadas nas *Cartas do Sertão* (NIMUENDAJU 2000), livro que revela o longo contato entre Nimuendaju e Carlos Estevão, como em correspondências junto a etnólogos e representantes de museus no Brasil, EUA e Europa. Imagens que constam deste acervo fotográfico foram reproduzidas nas monografias publicadas por Nimuendaju sobre povos Jê (NIMUENDAJU 1939, 1942, 1946).

A produção fotográfica e fílmica de William Crocker sobre os Canelas, encontra-se abrigada na Smithsonian Institution (EUA), onde exerceu a função de Curador de Etnologia Sul-Americana no Departamento de Antropologia do Museu Nacional de História Natural desta Instituição, em Washington DC. Parte destas imagens foram publicadas em seus livros (CROCKER 1990, 2004, 2009 e outros), e em trabalhos de outros pesquisadores (IUVARO 2017).

Esta comunicação aborda uma pequena parte das coleções foto-etnográficas de Curt Nimuendaju e William Crocker, tendo como referência uma pesquisa antropológica em curso, sobre memória e imagem fotográfica junto aos Apanyekrá e Ramkokamekra-Canela, a partir das obras de Crocker e Nimuendaju.

## **1. Fotografia e Memória**

O conceito de memória tem sido apropriado pela antropologia e pela história, como procedimento para relacionar o passado ao presente. Halbwachs considera que a memória individual é elaborada a partir da vida coletiva, uma vez que é constituída pelos grupos sociais de referência. Assim, as reflexões, sentimentos e ideias atribuídas a indivíduos são de fato, produzidas coletivamente pelo grupo social. Existe, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, uma vez que não se torna possível ao indivíduo acionar lembranças de um grupo ao qual suas lembranças não se identificam. (HALBWACHS 2004)

O historiador Boris Kossoy considera a fotografia como validação de uma verdade, uma alegoria e meio de comprovar um fato. A fotografia é utilizada, ainda, para ilustrar as “descobertas antropológicas”, como um substituto do real. Contudo, por maior

que seja a tentativa de se fazer fiel a realidade observada, a fotografia sempre será uma representação dessa realidade. Pois, se a realidade observada ficou marcada em um tempo e espaço específicos, a fotografia terá a propriedade de aproximar o tempo e o espaço. (KOSSOY 1999)

Kossoy alerta para um atributo da fotografia, que constitui sempre uma segunda, terceira ou quarta realidade, a depender dos olhares lançados sobre ela. Nesse sentido, seu trabalho se apresenta como um contraponto e complemento à perspectiva de Roland Barthes (BARTHES 1984), que discorre sobre o caráter triplo do processo de construção fotográfica, no qual se relacionam o fotógrafo, o fotografado (que Barthes chama de *referente*) e o espectador da fotografia, expressos pelos termos “*Operador, Spectrum, Spectador*”. “Fazer, suportar e olhar” - essas três ações ou “atuações” se aproximam ou distanciam a medida que o processo tem sua dinâmica própria (ENTLER 2006).

A fotografia constitui um meio de conhecimento do passado, mas seu conteúdo não exprime o conhecimento deste passado. Para Kossoy, o fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, a perpetuação *da memória*: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana ou rural, da própria natureza (KOSSOY 2001, 161).

As fotografias, quando apresentadas a indivíduos ou coletivos sociais despertam o sentido de reelaboração de um passado. As exposições realizadas com fotografias em aldeias indígenas, onde através das imagens, seus antepassados e práticas culturais são rememorados demonstram que aspectos revelados nas fotografias são objetos de análise na atualidade. Assim, o grupo reconhece nas fotografias situações e emoções que estão vinculadas diretamente a sua memória. (ATHIAS 2021, 125)

As fotografias produzidas por Curt Nimuendaju e William Crocker durante os seus respectivos trabalhos etnográficos junto aos Apaniekrá e Ramkokamekra-Canela constituem elos de ligação com a cultura ancestral desses povos e com personagens que vivenciaram processos rituais, conviveram com outros personagens que já se foram constituindo uma forma de acesso à memória ritual e pessoal desses povos Timbira.

## **2. Curt Nimuendaju e os Ramkokamekra Canela**

O alemão Curt Unkel nasceu em Jena, Alemanha, em 1883. Aos 20 anos chegou ao Brasil em 1903, com objetivo de conhecer os indígenas brasileiros. Logo deslocou-se ao interior de São Paulo, tendo contato com os Guaraní no Rio Batalha, Kaingang e outros grupos (LARAIA 1988). Entre os Guaraní, na Aldeia Araribá, recebeu como nome de batismo “Nimuendaju”, que adotou em seus escritos (NIMUENDAJU 2001)<sup>ii</sup>.

Transferiu-se em 1913 para Belém (PA), onde manteve uma longa relação profissional com Carlos Estevão de Oliveira, diretor do Museu Emílio Goeldi. Suas viagens de pesquisa e colecionismo etnográficos junto aos povos Timbira e outros Jê Setentrionais se iniciaram em 1928, estendendo-se até 1936. (MELATTI 1985) <sup>iii</sup>

Os períodos de pesquisa de Curt Nimuendaju junto aos povos Timbira, especialmente os Ramkokamekra Canela, resultaram na etnografia que constituiu o núcleo central de sua mais importante monografia, “The Eastern Timbira” (“Os Timbira Orientais”), publicada em 1946<sup>iv</sup>. Neste trabalho, editado e traduzido do idioma alemão ao inglês pelo etnólogo Robert Lowie, foram apresentadas algumas fotografias, que constam do conjunto de 70 imagens sobre os Ramkokamekra que compõe a Coleção Carlos Estevão de Oliveira.

Os Ramkokamekra constituem um dos povos conhecidos na Etnologia como Timbiras Orientais<sup>v</sup>. São falantes da língua Timbira vinculada à família linguística Jê e ao Tronco Macro-Jê<sup>vi</sup>. Este grupo é conhecido regionalmente como Canela, nome também atribuído aos Apaniekrá, com os quais partilham o mesmo complexo linguístico-cultural. Os Ramkokamekra vivem em uma porção de seu antigo território, na Terra Indígena Kanela-Memortumré, demarcada, homologada e registrada, com 125.212 hectares. Dados do último recenseamento apontam 2.552 habitantes nesta Terra Indígena e 892 habitantes na Terra Indígena Porquinhos dos Apaniekrá (IBGE, 2022) <sup>vii</sup>.

A organização social dos Ramkokamekra baseia-se em um sistema de metades assimétricas que os dividem em dois grupos complementares (Kuykateyê e Harākateyê), que orientam o sistema de nomeação e parentesco. Todos os indivíduos pertencem, também por nomeação a uma das seis sociedades cerimoniais: Kukên (cutia), Mekên (bufões), Khoikayu (pato), Hak (gavião), Rop (onça) e Kokrit (monstros aquáticos mascarados) (NIMUENDAJU 1946).

Nimuendaju não teve formação acadêmica, tampouco mantinha vínculos com correntes teóricas de seu tempo, como funcionalismo, culturalismo, evolucionismo, difusonismo e outras. Entretanto, possuía grande capacidade de observação, que refletia na qualidade de seu trabalho de campo. Realizou também com eficácia, levantamentos históricos e documentais sobre os povos indígenas que pesquisou. Daí decorre a importância de suas pesquisas e escritos para a Etnologia indígena, especialmente para o conhecimento dos povos Timbira e outros povos Jê (MELATTI 1985).

### **3. Povos Indígenas e Acervos Fotográficos**

A Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO) constitui um acervo de objetos adquiridos entre os anos de 1908 a 1946, período em que o advogado, poeta e naturalista pernambucano Carlos Estevão de Oliveira trabalhou na região Amazônica, onde ocupou funções relevantes no Estado do Pará, como promotor público em Alenquer, funcionário público em Belém e Diretor do Museu Paraense Emílio Göeldi, cargo que exerceu até 1946, ano de seu falecimento.

Antes de falecer em 05 de junho de 1946, Carlos Estevão oficializou à sua família o desejo de doar parte de sua coleção etnográfica e arqueológica ao Estado de Pernambuco. Em 10 de julho de 1947, a Coleção passou a fazer parte do acervo do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE) recebendo o nome de seu criador. (ATHIAS 2002).

O acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira possui cerca de 3.000 objetos, referentes a 54 povos indígenas localizados na Amazônia e Região Nordeste. Este acervo foi organizado em quatro blocos: a) Coleção Etnográfica; b) Coleção Arqueológica; c) Coleção Fotográfica e d) Coleção Documental. A Coleção Fotográfica da CECEO resulta do esforço colecionador de Carlos Estevão e, em grande parte, das expedições etnográficas e arqueológicas realizadas por Curt Nimuendaju.

Um destes conjuntos fotográficos refere-se aos Ramkokamekra-Canela. As viagens de Curt Nimuendaju aos grupos Jê centrais e setentrionais, especialmente aos povos Timbira ocorreram entre 1928 e 1935. Dentre esses povos, o etnógrafo dedicou maior atenção aos Canelas Apaniekrá e Ramkokamekra, tendo este último servido de referência às suas pesquisas sobre os grupos Timbira. Em *The Eastern Timbira* (1946) estão reproduzidas algumas das 70 fotografias que compõem o acervo de imagens sobre os Canela da Coleção Carlos Estevão.

Essas fotografias refletem o trabalho etnológico de Nimuendaju nas décadas de 1920 e 1930; são registros visuais da vida cotidiana e ritualística dos Ramkokamekra antes da intervenção do Serviço de Proteção do Índio (SPI). Abordam, ainda, um importante elemento da organização social dos Ramkokamekrá: o Kokrit, grupo de máscaras-vestimentas, que forma uma das seis sociedades cerimoniais dos Ramkokamekra-Canela (NIMUENDAJU 1946).

Curt Nimuendajú realizou a documentação fotográfica do Kokrit, conhecido como “Festa das Máscaras” em 1935, antes da implantação de um posto permanente do SPI junto aos Canela. Por cerca de 100 anos, os Ramkokamekra viveram em relativa paz com os sertanejos, embora conflitos esporádicos tenham ocorrido, decorrente da invasão do gado sertanejo sobre as roças indígenas<sup>viii</sup>. Em 1938 o SPI enviou um agente para morar

com sua família junto à Aldeia do Ponto, resultando na intensificação do processo de mudança cultural dos Canela (NIMUENDAJU 1946).

Em relação ao conjunto da obra fotográfica e documental de Curt Nimuendaju encontrada no Brasil, sabe-se que este vasto acervo sofreu uma enorme perda física, em decorrência do incêndio que atingiu o Museu Nacional (MN-UFRJ) no Rio de Janeiro, no dia 02 de setembro de 2018, o qual era formado por coleções científicas e antropológicas, estimadas em cerca de 20 milhões de itens, incluindo grande parte do acervo fotográfico, documental e de objetos etnográficos coletados por Curt Nimuedaju.

No entanto, uma parte deste arquivo fotográfico e documental de Nimuendajú armazenado no Museu Nacional, foi digitalizado antes da ocorrência do incêndio, pela antropóloga Elena Welper durante seu estágio de pós-doutorado realizado nesta Instituição (2012-2017). Este arquivo constitui significativa fonte primária para pesquisas nas áreas da Linguística e Etnografia indígenas. No material digitalizado por Welper encontram-se manuscritos inéditos, dentre os quais diários de campo, produzidos em viagens e expedições a grupos indígenas, além de correspondências com expoentes da antropologia internacional, como Robert Lowie, Claude Lévi-Strauss e Alfred Mettraux, e da então nascente antropologia brasileira, como Hebert Baldus, Egon Shaden e outros. A correspondência de Nimuendaju com Lowie é especialmente relevante a este trabalho, pois resultou nas célebres monografias sobre os povos Jê - Apinajé, Timbira e Xerente – bem como em relação a Levi-Strauss, que publicou artigos que impactaram a Etnologia a partir de dados etnográficos produzidos por Nimuendaju (LEVI-STRAUSS 1974)

Dentre os documentos digitalizados por Welper, destacam-se um conjunto de diários elaborados por Nimuendaju a partir de 1911-1913, então etnógrafo iniciante que atuou como servidor do SPI em São Paulo e Mato Grosso; de 1929 e 1936, referentes ao seu trabalho de campo entre os Apinajé e Canelas (Tocantins e Maranhão); de 1938, em viagem pelos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo e de 1941 e 1942, quando esteve entre aos Tikuna, no Amazonas (WELPER 2017).

A obra de Curt Nimuendajú marca o nascimento da Antropologia no Brasil. Como destacou Welper: “Ele é tido como o pai da Etnologia brasileira. Os dados produzidos pelas suas pesquisas de campo com os indígenas dos grupos Jê introduziram o Brasil no cenário antropológico internacional”. Como um dos resultados do seu projeto de pesquisa<sup>ix</sup>, foi realizada, em novembro de 2016, a exposição fotográfica *Retratando Curt Nimuendajú*, que ficou em cartaz no espaço Baukurs Cultural (RJ) em 2014 e no Instituto Martius Staden (SP), em 2016<sup>x</sup>.

Ao longo deste trabalho apresento algumas imagens fotográficas que refletem o olhar de Curt Nimuendaju, em sua vasta experiência etnográfica. Essas imagens refletem seu trabalho de campo junto aos povos Timbira, especialmente aos Ramkokamekra Canela (1928-1936), em fotografias que revelam sua produção etnográfica visual em um dos seus trabalhos de maior relevância, que o inseriram no cenário da Antropologia internacional.

#### 4. Etnografia Fotográfica: Nimuendaju entre os Ramkokamekra Canela (MA)



Foto 1: Curt Nimuendajú entre os índios Canela, 1935. Arquivo: Museu Nacional/UFRJ/CELI



Foto 2: Curt Nimuendajú e a jovem índia Kentapi ornamentados para um ritual de encerramento de luto dos índios Canela, Aldeia do Ponto, 1935. Acervo: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Neste conjunto fotográfico que expressa momentos em que Curt Nimuendaju desenvolveu seu trabalho etnográfico entre os Canela são identificadas duas situações ou modos de representação. Na foto 1, Nimuendaju apresenta uma auto-representação do pesquisador junto aos Ramkokamekra, enfatizando sua inserção na sociedade Canela. A foto 2 apresenta uma representação de sua participação na vida ritual e afetiva deste povo timbira, que o levou a estabelecer relações de matrimônio e inserção no sistema de parentesco Canela.



Foto 3: Rainhas da festa da sociedade de máscaras. Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão – Museu do Estado de Pernambuco



Foto 4: Confeccionando máscaras no terreiro do dos Kokrit. Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão - Museu do Estado de Pernambuco



Foto 5 – Pintando com a ponta do dedo os olhos de uma máscara Tokaiweure. Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão – Museu do Estado de Pernambuco



Foto 6 – Tohcaiweure está zangado. Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão - Museu do Estado de Pernambuco

Uma das marcas do trabalho etnográfico de Curt Nimuendaju foi a busca de reconstituição da originalidade cultural dos povos indígenas que pesquisou. As fotos de 3 a 7 evidenciam uma representação sobre o Kokrit, o ritual das máscaras entre os Ramkokamekra-Canela, documentados entre 1928 a 1935. Apresentam personagens desse rito, como as “rainhas”, ou mulheres associadas ao Kokrit, a confecção e decoração



destas máscaras e sua manipulação pelos personagens, bem como o desenrolar do rito pela aldeia dos Canela.<sup>xi</sup>



Foto 7: A entrada dos Kokrit no pátio da aldeia. Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão – Museu do Estado de Pernambuco

## **5. William Crocker: Biografia de um Etnógrafo**

William Crocker nasceu em São Francisco da Califórnia, EUA, em 1924, filho de um banqueiro. Com a idade de 12 anos mudou-se para perto de Boston. Aos 18 anos foi inscrito no Exército norte-americano, com a pretensão de ser médico, onde permaneceu quase até o final da II Guerra mundial, em 1945.

Iniciou seus estudos de graduação na Universidade de Yale, em setembro de 1946, onde teve formação de bacharel e realizou cursos de língua e culturas hispânicas que o aproximaram da Antropologia. Manteve contatos com Felix Kessing, da Universidade de Stanford, o qual lhe sugeriu submeter-se ao mestrado de Antropologia. Conheceu Gregory Bateson, de quem estudou o livro *Naven* e o prof. George D. Spindler, de quem se tornou orientando e amigo pessoal. Em 1953 obteve o grau de mestre em antropologia.

Crocker realizou curso de PHD na Universidade de Wisconsin (Madison), onde permaneceu por três semestres como assistente de professor. Teria gostado dessa experiência docente, na qual pode passar a jovens alunos “a boa mensagem da antropologia”. Teve como orientador o professor Milton Barnett, que além de Spindler, teve grande influência em sua formação. Nesse período, realizou cursos de psicologia e sociologia, reunindo as três áreas na sua formação. (COELHO 2009, 129-130)

### **5.1 Estudos de Mudança Cultural**

Crocker considera sua formação fundada nas ciências sociais, “com cursos na psicologia clínica e experimental e na sociologia histórica alemã e de *research survey*, abordagens qualitativas e quantitativas”. Candidatou-se ao doutorado em antropologia optando por estudar a *mudança cultural* a partir da revisitação de obras e pesquisas realizadas por outros antropólogos, como Oscar Lewis (1959 e 1961) e Robert Redfield que pesquisou em Yucatan (1941). (COELHO 2009,130)

Para o curso de doutorado Crocker optou pelo re-estudo de uma grande obra. “*Analisei vários livros e o melhor que achei para estudar a mudança cultural foi o de Curt Nimuendaju, ‘The Eastern Timbira’ (1946), que é basicamente sobre os Canelas*” (130). A partir de pesquisas realizadas por outros antropólogos na Amazônia, Crocker optou pelos Canela: “*Com os Canelas vi que tinha continuidade, que eu poderia encontrar as mesmas pessoas, famílias e instituições para observar a continuidade ou a mudança entre elas*”. (COELHO 2009,131)

Durante o período de seu doutorado, Crocker passou 24 meses nas aldeias Canelas, além de Barra do Corda e outras cidades no Brasil. De volta aos EUA, escreveu sua tese de doutorado em Wisconsin, em um ano e três meses sobre um tema metodológico. Crocker selecionou um ato de um festival canela, o *Pepjê* e buscou construir um sistema que permitisse abstrair generalizações ou regularidades deste ato.

Crocker ingressou na Smithsonian Institution em janeiro de 1962, onde atuou como curador científico, o que oferecia a possibilidade de retornar sempre aos Canelas para dar continuidade à sua pesquisa. Crocker obteve recursos da Wenner-Gren Foundation, da National Science Foundation e da National Geographic Society além de recursos da própria Smithsonian. Assim foi possível voltar tantas vezes ao campo. Por essa razão, ao invés de professor tornou-se pesquisador de campo (COELHO 2009, 133)

## **5.2 O Movimento Messiânico Canela de 1963**

Crocker realizou duas viagens aos Canela durante o seu doutorado. Um desses retornos ocorreu em 1963, quando participou de uma reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em São Paulo, com programação de ir aos Canela, porém não tinha autorização do SPI. Durante a Reunião, Herbert Baldus informou a Crocker: “estão metralhando seu povo, os Canelas”. Crocker rapidamente conseguiu Autorização, através de Heloísa Torres, então presidente do Conselho do SPI. Crocker deslocou-se para Barra do Corda, onde encontrou o chefe local do SPI, o qual permitiu sua entrada no território Canela. Crocker encontrou os Canelas já na Aldeia Sardinha, dos Guajajara:

*“Cheguei no terceiro dia em que os Canelas estavam em seu novo lugar, na Aldeia Sardinha dos Guajajaras, deslocados da chapada para a mata seca. Eles já haviam demarcado uma aldeia muito perto do Posto Indígena dos índios Guajajara”.* (COELHO 2009,134)

Crocker teve notícias sobre um movimento sócio-religioso que ocorria entre os Canela, o qual desencadeou uma retaliação pelos sertanejos:

*“Logo fiquei sabendo que eles estavam vivendo um movimento messiânico que os havia motivado a matar várias cabeças de gado dos fazendeiros, que atacaram os Canelas para evitar que continuassem matando o gado. Foi muito emocionante saber que havia ocorrido um movimento messiânico lá, mas muito triste saber sobre as mortes de pessoas conhecidas”.* (COELHO 2009,134)

Como só poderia permanecer por duas semanas entre os Canela, Crocker retornou aos Estados Unidos e solicitou apoio à National Science Foundation, da qual obteve recursos para a pesquisa, voltada naquele momento para compreender o processo de adaptação de uma etnia do cerrado que agora estava vivendo em área de mata. Essa pesquisa foi publicada em inglês no Brasil como artigo, mas não teve boa divulgação<sup>xii</sup>.

Em 1964, Crocker realizou trabalho de campo durante quatro meses com os Canelas, tendo pesquisado outros temas, além da adaptação deste povo do cerrado à floresta seca. Em 1966 ficou seis semanas entre os Apaniekrá e Ramkokamekra Canela, estabelecendo um padrão de sucessivos retornos a campo. Crocker considerava seu dever investigar quase todos os temas culturais como as danças, os jogos atléticos, a pintura corporal, os sonhos, os mitos, a história, a agricultura, os artefatos materiais e especialmente as cantigas deste povo. (COELHO 2009, 135).

### **5.3 Novos Retornos aos Canela**

Crocker retornou aos Canela 1979, quando teve “problemas com a FUNAI” e precisou sair da aldeia. Só retornou em 1991. Na década de 1980, passou por um longo processo de divórcio e escreveu um extenso livro, que foi publicado em 1990.<sup>xiii</sup>

Em 1993 permaneceu por quatro meses entre os Canelas, onde fez um recenseamento sociológico detalhado e um estudo dos artefatos materiais. Realizou uma descrição do festival *Pepkahàk* e analisou os papéis dos vários “partidos” (grupos cerimoniais) neste festival. Coletou as lembranças dos velhos canela sobre fatos que ocorreram na década de 1980 durante sua ausência. Nos anos de 1994 e 1995 retornou por breves períodos para ajudar na implementação de uma grande roça comunitária. Em 1997 acompanhou um profissional na coleta de material para um filme<sup>xiv</sup>.

Crocker retornou ainda aos Canela em 1999, quando pesquisou sobre as mudanças nas suas práticas sexuais entre as décadas 1930 e 1990. A cada viagem abordava aspectos ou temas diferentes. Em 2001 fez um novo e complexo recenseamento sociológico durante dois meses e pesquisou sobre o xamanismo canela por duas semanas. Em 2003 coletou dados para um artigo sobre a vingança canela<sup>xv</sup> e a adaptação dos estudantes canelas à vida em Barra do Corda. Em 2005, pesquisou sobre estruturalismo êmico e mudanças no casamento ao longo de quatro décadas, cujos resultados foram publicados em artigos<sup>xvi</sup>. Em 2007, pesquisou sobre uma das metades do sistema cerimonial Canela e, em 2009, pretendia pesquisar sobre a outra metade e levantar material suficiente para escrever uma monografia sobre esse assunto.

### **5.5 Vinculação de Crocker a Nimuendajú**

Em relação à sua recepção inicial pelos Canela, Crocker rememora a ligação que os Canela estabeleceram entre sua presença e trabalho junto ao grupo, com a presença de Curt Nimuendaju, cerca de duas décadas antes:

*“Curt Nimuendajú deixou uma boa lembrança e quando cheguei, eles queriam que eu fizesse as mesmas coisas, que eu ficasse no lugar dele. Isso não era possível. Queriam me classificar como sobrinho dele. Assim minha recepção foi fácil. Também Olímpio Cruz me apresentou ao Cacique Pedro Gregório e aos outros, e como Olympio Cruz era benquista, não tive problemas”* (COELHO 2009, 139).

Finalmente, em relação ao significado da sua longa experiência etnográfica com os Apaniekrá e especialmente com os Ramkokamekra Canela, a qual totaliza cerca de 55 anos, o etnólogo William Crocker afirma a importância fundamental que esses povos tiveram em sua vida profissional e pessoal:

*“Mas os Canelas são sempre uma coisa principal na minha vida... Acho que, como se afirma no mundo dos religiosos, eu fui chamado. Eu senti na minha vida ser chamado por uma coisa, a antropologia, quando ensinei as boas novas da antropologia aos jovens estudantes, e mais tarde descobri isso nos Canelas: colocar os Canelas no mapa da Antropologia e também ajudar aos Canelas quando for possível. Senti que fui chamado a fazer isso...”* (COELHO 2009, 140)

### **5.6 A Coleção Fotográfica de William Crocker sobre os Canela**

Desde sua chegada inicial aos Canelas em 1957, Crocker realizou uma documentação da vida doméstica e ritual, bem como das atividades econômicas e políticas deste povo timbira. A utilização da fotografia e do audiovisual como recursos de pesquisa representou um importante instrumental na observação de Crocker sobre os Canelas, atribuindo um caráter inovador ao seu trabalho etnográfico.

O material imagético produzido por Crocker tem sido considerado como “*um dos mais detalhados e precisos conjuntos de documentos visuais sobre a vida comunitária das terras baixas sul-americanas de todos os tempos coletados*” (IUVARO 2017, 93). Apesar da importância desta coleção e do seu potencial para revelar histórias materiais, este acervo ficou em grande parte não examinado e subvalorizado academicamente.

A autora propõe reexaminar o projeto visual de Crocker de dois modos diferentes, porém relacionados. Inicialmente, através de um olhar atento sobre utilização da fotografia por Crocker, retirando-a de sua relativa obscuridade; a seguir, centra sua análise nas circunstâncias em que as fotografias foram realizadas, as idéias teóricas que as informaram e os métodos empregados para essa utilização. Essas imagens revelam o “impulso arquivístico” da pesquisa de Crocker, iluminando vários pontos de sua obra e de seu desejo irremediável de *retorno ao original*, uma nostalgia pela gravação do lugar de início absoluto. (IUVARO 2017 pg 93)

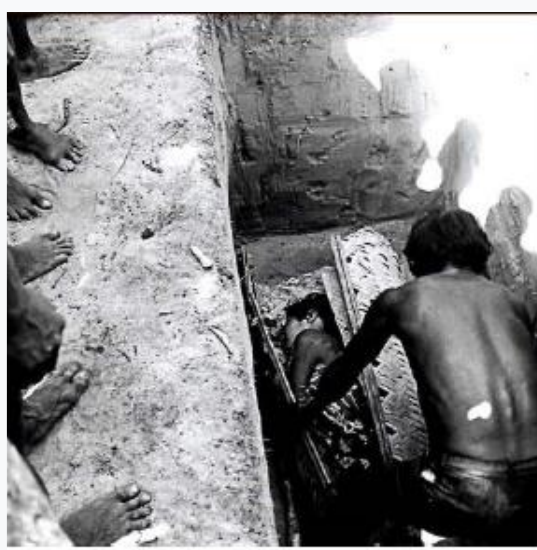
Quando Crocker iniciou seu trabalho de campo junto aos Canela, em agosto de 1957, a memória social do grupo sobre Curt Nimuendaju, cujo ciclo de viagens entre os Canela ocorrera entre 1929 e 1936 estava recente. Assim, a vinculação entre os dois pesquisadores foi imediata e traduzida em termos do parentesco timbira, como uma relação entre tio (irmão da mãe) e sobrinho (filho da irmã), o que facilitou a aceitação e legitimidade de Crocker, atribuindo-lhe uma família, através de uma irmã adotiva e um nome, que lhe proporcionou direitos e privilégios junto ao grupo (CROCKER 1990, 26).

Em entrevista à pesquisadora, Crocker revelou que: “*ser adotado numa família Canela, foi o evento de maior sucesso e importância para meu trabalho de campo entre o grupo... Como membro da família, pude participar de sua vida pessoal e cerimonial*” (CROCKER, Entrevista, 2015 in: IUVARO 2017).

Crocker teria criado uma relação intensa e familiar com o grupo, o que lhe permitiu filmar e fotografar de forma abrangente algumas das cerimônias mais significativas executadas pelos Canelas. Como relata o pesquisador:

“*Quando minha sobrinha favorita, Tekura morreu de tuberculose na casa da minha irmã Canela, fui ao funeral dela sem bloco e lápis e também sem câmera. Durante o rito, no entanto, o velho Kaapeltuk não entendendo veio e perguntou por que não estavam sendo feitas anotações e tiradas fotos. Atordoado, voltei com meu equipamento e fotografei, incluindo vistas acima e perto do cadáver, enquanto minhas parentes choravam*” (CROCKER, 1990, pág. 28).

Sequência de fotografias mostrando o funeral de Tekura, sobrinha de Crocker na casa da sua irmã Canela.



Fotos 8 e 9: William Crocker (in: IUVARO 2017, 107)



Fotos 10 e 11: William Crocker (in: IUVARO 2017, 108)

A partir desse momento, Crocker tomou consciência que seu papel como etnógrafo, bem como membro da sociedade Canela, estava firmemente estabelecido. O reconhecimento do grupo ao seu status de etnólogo tornou possível registrar seus festivais e outros aspectos de sua vida mais intensamente. Admitiu que, esta foi a maior conquista de seu primeiro trabalho de campo. Crocker relata que um dos idosos da comunidade encorajou-o a visitá-lo a qualquer momento para instrução, despreocupado com o pagamento. Ele entendeu que Crocker queria cavar mais profundo do que Nimuendajú e sentiu a responsabilidade de transmitir seu conhecimento, herança e costumes tradicionais para um estudante sério da cultura (CROCKER 1990, 43).

Um aspecto distintivo do trabalho etnográfico de Crocker seria o fato de que ele dedicou toda a sua vida profissional ao estudo de apenas duas etnias intimamente relacionadas: os Apanyekra e Ramkokamekra-Canela. A maior parte das imagens produzidas por Crocker enfocam os Ramkokamekra na Aldeia Escalvado.

Logo que iniciou suas pesquisas entre os Canela, Crocker desenvolveu a uma intensiva documentação de sua vida cotidiana e ritual, que se estendeu por cerca de cinquenta e cinco anos, na qual a fotografia e o cinema tiveram importância central. Sua metodologia consistia no acompanhamento contínuo do modo de vida Canela, na forma de fotografias sequenciais e imagens em câmera lenta. O legado deste trabalho seria um extenso arquivo visual sobre o povo Canela, abrangendo praticamente todos os aspectos de sua vida social e cerimonial. (IUVARO 2017, 95)

Assim, o projeto visual de Crocker resultou num enorme e detalhado conjunto imagético, com mais de vinte mil fotografias e mais de 146.000 pés de filmagem, além de produtos de intermídia (verbal e visual, filme parado, gravação em fita e uma variedade de artefatos nativos) e trabalho colaborativo com cineastas e outros profissionais. Entre 1970 e 1979, durante estadias mais prolongadas com os Canelas, Crocker levou o diretor de fotografia Steven Schecter para filmar, formando uma das maiores coleções etnográficas de povos originários sul americanos presentes no Museu Nacional de História Natural, do Instituto Smithsonian.

Uma questão fundamental em relação ao empreendimento visual de William Crocker é compreender as motivações pelas quais ele investiu intensamente na produção fotográfica e fílmica, em seu projeto antropológico junto aos Canela. As imagens não fazem parte de suas publicações oficiais, embora constituam a confirmação de informações de campo bem registradas. Entretanto, ao se considerar a natureza científica de seus filmes e álbuns fotográficos e a estrutura de sua personalidade, fica evidente que seu empreendimento visual ocupa um lugar importante em sua pesquisa. Assim, a sua coleção representa um valioso artefato histórico em si e apenas por estes motivos, merece o seu lugar na literatura antropológica. (IUVARO 2017, 96-97).

### **5.7 Opção de Crocker pela pesquisa com os Canela**

Crocker escolheu os Canela para sua pesquisa doutoral a partir do contato com o trabalho de Curt Nimuendajú, que havia escrito sua monografia mais detalhada e abrangente sobre este grupo, “The Eastern Timbira” (NIMUENDAJU 1946). Como sugere Iuvaro:

“Não é insignificante que o seu conhecimento mais antigo da comunidade era principalmente visual. Ele entrou em campo com sua mente preenchida com as imagens tiradas por Nimuendajú. A monografia de Nimuendajú, com base em pesquisa feita na década de 1930, forneceu a Crocker uma base para um estudo em aculturação após 20 anos. Assim, para o antropólogo, a motivação a original para estudar os Canela foi avaliar a mudança cultural”. (IUVARO 2017, pg 97)

O estudo de Crocker vai além de apresentar dois cortes temporais transversais de uma sociedade: entre 1929–1936 (Nimuendajú) e 1957–1979 (Crocker). Com a ajuda dos dados de Nimuendajú, Crocker descreveu uma *história diacrônica* dos Canela desde cerca de 1930 até a época de seu trabalho de campo. Mudanças específicas e direções de mudança na sociedade e cultura Canela foram constantemente descritas e discutidas em seu trabalho<sup>xvii</sup>.

Cita Charles Wagley, para o qual: “Para nenhum outro grupo das terras baixas, temos dados tão detalhados sobre a mudança cultural ao longo de meio século, como temos a partir das observações destes dois etnógrafos altamente perspicazes” (WAGLEY 1990, p. XX, in: IUVARO 2017, 97-98).

A autora coloca que durante a sua extensa estadia entre os Canela, Crocker realizou uma documentação preparada e implementada assiduamente, através de notas escritas, anotações de diário, gravações em fita, uma *etnografia fotográfica* completa e uma série de filmes. (EDWARDS 2001).

Assim, as fotografias e filmagens de Crocker constituem um impressionante documentário social e etnológico sobre a *mudança social* dos Canelas durante um período de cinquenta e cinco anos, inserindo-o, ainda, no campo da Antropologia Visual:

“O projeto visual de Crocker, em meados do século XX, coloca seu trabalho fotográfico como uma importante contribuição e como um precursor do tipo de análise sociológica para a qual a antropologia visual estava se movendo rapidamente no final do século XX” (HOCKINGS, 1988 in: IUVARO 2017).

A autora afirma que Crocker não foi o primeiro antropólogo a usar a câmera em campo, mas seu trabalho foi significativo pelo uso e valorização da fotografia na antropologia como um *dispositivo primário de registro*, e não apenas como ilustração (MEAD e BATESON, 1942). Assim, a perspectiva antropológica de Crocker e Mead foi baseada na corrida para registrar material cultural único, sujeito a inevitáveis mudanças (JACKNIS, 1988). Crocker ressalta:

“Eu não estava acostumado a filmar. Ainda tiro (fotos), sim. Depois de Nimuendajú, fui o principal etnógrafo. Os Canela estavam perdendo sua cultura material, então tive que gravá-la antes que fosse perdida. Não foi por isso que estive lá, mas foi uma responsabilidade” (CROCKER, Entrevista, 2015 in: IUVARO 2017).



O antropólogo sentiu claramente esta responsabilidade de registrar com sua câmera a manifestação do modo de vida único dos Canela. “Entre eles as interações entre pais e filhos; outros dispositivos de gravação são muito valiosos porque podem nos fornecer material que pode ser reanalisado repetidamente com ferramentas mais finas e desenvolvendo teorias” (CROCKER, Entrevista, 2015 in: IUVARO 2017). Através de meios visuais (fotografias e filme), Crocker acabou destacando o que chamou de *expressivo cultural* - o ciclo de vida e o ciclo diário de atividades, a recreação e a cultura material.

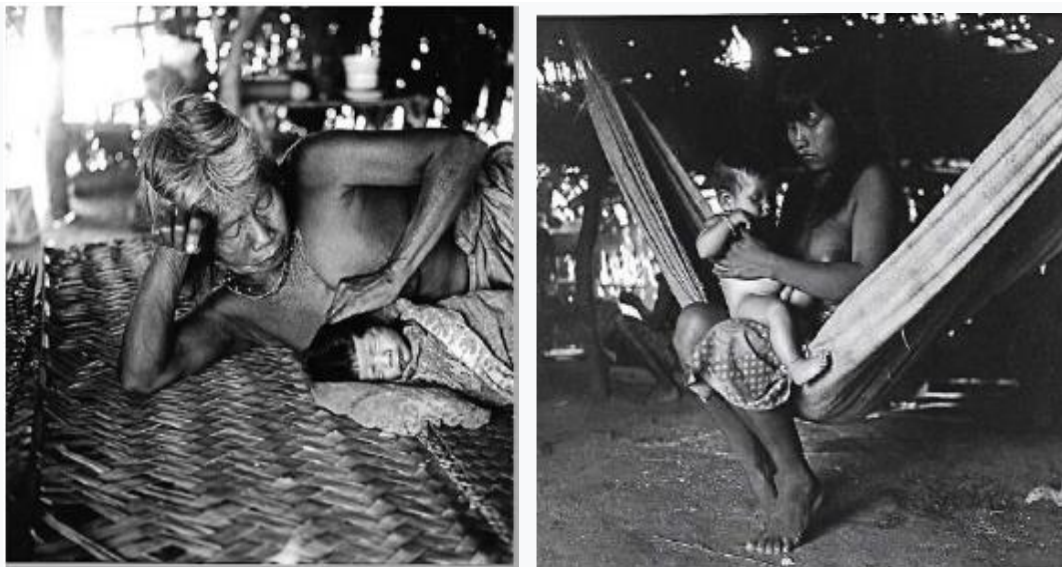
Como fica evidenciado na sequência fotográfica abaixo, o trabalho imagético de Crocker com os Canelas revela um alto grau de inserção social junto ao grupo, resultante de questões acima colocadas, que partem da identificação coletiva dos Canela em relação à Crocker, com a memória de Curt Nimuendaju. De outro lado sua determinação em documentar as atividades domésticas, lúdicas e rituais com intensidade e precisão o colocaram num patamar de membro efetivo desta sociedade e deram legitimidade ao seu trabalho etnográfico junto aos Canelas.

#### Série de atividades de vida diária dos Canela



Fotos 12 e 13: William Crocker (in: IUVARO 2017, pg 115)

### Série de fotografias mostrando interações entre pais, irmãos e bebês



Fotos 14 e 15: William Crocker (in: IUVARO 2017, 121)

A despeito deste status marcante, a conquista visual de Crocker foi submetida a pouca consideração. Apesar da importância das suas imagens de arquivo e do seu potencial para revelar histórias materiais, elas existiam silenciosamente no Smithsonian. Assim, com a exceção de breves comentários feitos por Wagley na década de 1990, o arquivo de imagens de Crocker tem sido assunto de pouca análise na literatura antropológica. Wagley observou que, como um estudo que está além do método do campo visual, o trabalho de Crocker é uma contribuição importante para a cultura visual e social e para a antropologia, não apenas pela importância de sua substância teórica. (WAGLEY 1990, p. XX, in: IUVARO 2017, 97-98)

Pode-se considerar que o projeto visual de Crocker foi recebido com alguma perplexidade, até mesmo pelo próprio Crocker, talvez porque ele mantinha uma relação um tanto incerta com a divulgação de seu arquivo e coleção de imagens. Pela conclusão de seu longo trabalho de campo entre os Canelas, seu trabalho merece valiosa e histórica avaliação. (IUVARO 2017, 100)

#### 5.8 Sobre o Reconhecimento Profissional de Crocker

Pelo fato de não haver ministrado ensino regular em universidades, Crocker pode não ter o reconhecimento que seu trabalho merecia. Diferente de Margareth Mead, que divulgou seus pontos de vista sobre antropologia visual através do ensino na Universidade de Columbia e em vários artigos, Crocker evitou fazer propaganda para o uso da fotografia no meio antropológico.

Por outro lado, Crocker valorizou claramente a sua coleção visual arquivada, como uma parte importante de seu esforço científico e talvez, ele tenha consciência do quanto deixou de fazer. Ele defende: “Sempre tive a intenção de que meus volumosos materiais de campo um dia seriam acessíveis (como são agora) para futuros pesquisadores que o examinarão, para formar a base para uma interpretação alternativa” (CROCKER, Entrevista, 2015 in: IUVARO 2017).

Tomada em seu conjunto como um corpus de imagens, a obra visual de Crocker representa uma interessante forma de *etnografia fotográfica* estruturada por uma “narrativa real” (EDWARDS 2001), com alta qualidade das imagens. Crocker produziu uma documentação cronológica da vida canela, onde o conjunto de imagens envolve um maior grau de espontaneidade dos sujeitos e uma maior correspondência com a sua realidade cotidiana. Este grau de realidade foi alcançado por sua metodologia sistemática baseada no uso de recursos visuais junto aos Canela, desde o início de sua carreira e por seu envolvimento íntimo com a comunidade. (IUVARO 2017, 101)

Diferentemente de Franz Boas e outros precursores da Antropologia Cultural, para os quais a fotografia era apenas uma estratégia periférica, e no sentido do trabalho visual de Margareth Mead e Gregory Bateson, onde a fotografia tornou-se central para a metodologia do trabalho de campo, e cujo empreendimento visual antecipou o desenvolvimento de “narrativas baseadas no tempo que caracterizaram o trabalho visual etnográfico no período posterior do pós-guerra” (HENLEY 2013), para Crocker também tornou-se um recurso fundamental.

Entretanto, os empreendimentos visuais de Mead e Crocker eram muito diferenciados. Enquanto Mead executava uma observação imparcial e o desengajamento na coleta de imagens etnográficas - uma característica do seu método, onde os assuntos eram frequentemente filmados em “um ângulo oblíquo, mal enquadrado e de um ponto de vista distante” (HENLEY, 2013, p. 88) - Crocker se mostrava intimamente envolvido com os Canela, usando a câmera para estar diretamente inserido na ação, colocando-se bem na frente de seu sujeito, movendo-se para fotografar em uma variedade de ângulos. Isto provavelmente é explicado pelo fato de Crocker ter desenvolvido uma relação muito mais próxima com os Canelas tendo trabalhado com eles por vários anos.

Como observa Uivaro, “Crocker, diferentemente de Mead, prestou atenção à qualidade das imagens. As imagens de Crocker são de qualidade extraordinária, lindamente enquadradas e envolvidas”. (IUVARO 2017, 102 nr 8)

## **5.9 Fotografando o campo**

As fotografias de Crocker suscitam uma visão da vida dos Canela, entre 1957 a década de 1970. A sua câmera focalizou o cotidiano de uma forma que refletia seu interesse em atividades de subsistência: orientadas para a caça e coleta de alimentos; mas também na partilha de atividades, especialmente a distribuição de alimentos e cuidados infantis. A prioridade dessas imagens ou “notas de campo”, também foi para filmar as casas e o centro da aldeia, onde todas as atividades Canela aconteceram. (UIVARO 2017 104)

Embora a intenção de Crocker fosse de capturar, documentar e até mesmo salvar as práticas tradicionais Canela face a grandes mudanças culturais, as suas imagens também nos informam sobre sua tentativa de comunicar aspectos intangíveis da cultura. Ao registrar o comportamento de Canela, Crocker nos deixou um arquivo de imagens do seu mundo interior, das suas atitudes altruístas e das suas relações sociais. Estas fotografias tornaram literalmente visível a antropologia de Crocker, com a exploração de seus sistemas sociais e de crenças.

As imagens de Crocker exploraram, no sentido literal e figurado, um determinado convívio Canela, “um modo de ser Canela, tipificado por essas mesmas atributos de amizade, generosidade e sociabilidade prazerosa” (PASSES 2000, pág. 99).

Em resumo, a coleção de Crocker permite explorar o espaço afetivo de suas relações pessoais centradas em torno de seu cuidado diário e responsabilidade uns dos outros. Através de uma análise minuciosa deles, tomamos consciência do que tornou a vida privada, econômica, cooperação, eventos públicos, funcionam tão bem na comunidade.

Essas imagens de Crocker podem ser vistas como “histórias visuais” (GEISMAR 2006) de uma forma particular de convívio de uma “história ameríndia”. Na década de 1950, e durante pelo menos duas décadas depois disso, a tendência dominante na pesquisa antropológica acadêmica era interpretar qualquer forma de estudo do cotidiano como banal ou insignificante, mesmo quando eram inteiramente concernentes a uma determinada preparação de refeições tradicionais em contexto cerimonial.

## **Conclusões**

Ao longo deste texto foram apresentados os trabalhos de dois pesquisadores considerados referenciais para a Etnologia indígena no Brasil, e de modo mais amplo, para a Antropologia mundial. Curt Nimuendaju e William Crocker constituem verdadeiros paradigmas do fazer antropológico, tanto em relação às suas contribuições às

pesquisas e ao conhecimento da Etnologia dos povos Jê, como nas suas práticas metodológicas, com destaque a utilização da fotografia e do filme etnográfico.

O etnólogo teuto-brasileiro Curt Nimuendaju, a despeito do auto-didatismo, transformou-se durante a primeira metade do século XX, no maior nome da Antropologia sobre os povos indígenas no Brasil. Desenvolveu, em termos quantitativos e qualitativos um trabalho etnográfico sem precedentes, até mesmo a nível da antropologia mundial. Ao conjugar a produção de imagens fotográficas como parte imprescindível da sua prática etnográfica, Nimuendaju pode ser considerado um precursor da Antropologia Visual.

Assim, as fotografias de Curt Nimuendaju sobre o Kokrit podem despertar a imaginação individual e coletiva para aqueles Canelas que não vivenciaram a “festa das máscaras”. Aos idosos que viveram e participaram deste ritual da tradição cultural Canela, essas fotografias reforçam e atestam a veracidade de suas lembranças presentes na memória oral do grupo. O que antes era conhecido apenas pela oralidade ganha materialidade e impulsiona sua imaginação na elaboração de narrativas para conduzir e reintroduzir a “festa dos mascarados” em suas vidas.

Até a década de 1970, a tendência dominante na pesquisa antropológica acadêmica era considerar o estudo da vida cotidiana como um tema de menor valor. Crocker inverte essa lógica ao apresentar de modo contínuo e detalhado aspectos da vida cotidiana e familiar dos Ramkokamekra-Canela, revelando um alto grau de inserção junto a este povo timbira, que lhe possibilitaram investigar temas considerados inaccessíveis, como *sexualidade*.

A partir de uma metodologia baseada na sua inserção na vida familiar e no sistema de parentesco Canela, Crocker pode retratar o modo de vida Canela, tornando-se um precursor para a pesquisa das relações de afetividade das sociedades ameríndias.

Embora sua prática etnográfica não tenha sido a única a alcançar uma compreensão abrangente das relações de afetividade de um povo indígena, certamente constituiu um dos trabalhos mais e melhor documentados visualmente em relação à etnologia dos povos sul americanos.

Finalmente, podemos considerar os empreendimentos imagéticos, sobretudo fotográficos, de Curt Nimuendaju e William Crocker, para além das respectivas contribuições ao campo da Etnologia brasileira e internacional, como trabalhos redefinidores das concepções e práticas antropológicas relacionadas aos povos indígenas e ao conhecimento da diversidade sociocultural da humanidade em sua integralidade.

## ANEXO1: EXPEDIÇÕES DE NIMUENAJU AOS CANELAS E OUTROS POVOS TIMBIRA

(In: NIMUENAJU, Curt. TEXTOS INDIGENISTAS: Relatórios, Monografias, Cartas, pg 29-31)

- 1914-15: Gurupi (SPI).....Tembé, Timbira, Urubú
- 1928-29: Maranhão, Goiás (Museus Hamburgo, Dresden e Leipzig)... Apinayé, Canela, Krikati, Krepumkateye, Pukoby, Guajajara
- 1930: Tocantins, Maranhão (Museus Dresden, Leipzig)... Apinayé, Xerente, Krahô e Canela
- 1931: Tocantins, Maranhão.....Apinayé, Canela
- 1932: Tocantins.....Apinayé
- 1933: Maranhão (Carnegie Institution) .....Canela
- 1935: Maranhão (Univ. California).....Canela
- 1936: Maranhão (Univ. California).....Gamela, Canela
- 1937: Tocantins (Univ. California).....Apinayé, Xerente

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHIAS, Renato M. Coleção Etnográfica do Museu do Estado de Pernambuco: a diversidade cultural dos índios no olhar de Carlos Estevão. In: ARAUJO, Betania Correia (Org.). *O Museu do Estado de Pernambuco*. 1. ed. São Paulo: Banco Safra, 2002. p. 284-317.
- \_\_\_\_\_. A resignificação de um acervo com a crescente colaboração dos Povos Indígenas. In: CAVANI J. (Org.) *Tempo Tribio: Museu do Estado de Pernambuco 1930-2020*, Recife: Editora CEPE, pp.172, 2021.
- BARROS, Nilvania Mirelly Amorim de Barros. *Tudo isso e bonito! O Festival de Mascara dos Ramkokamekra: imagem, memoria e Curt Nimuendaju*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, PPGA/UFPE, 2013
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, PPGA/UFPE, 2013
- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese Character: a photographic Analysis*. New York Academy of Sciences, Special Publications 2, 1942.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. A lógica do mito e da ação: o movimento messiânico Canela de 1963. In: *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COELHO, Elizabeth M.B. Rememorando meio século de pesquisa: a trajetória de William Crocker entre os Ramkokamekra. Entrevista. *Revista Pós Ciências Sociais*, vol. 6, nº11. São Luís: PPGCSoc-UFMA, 2009.
- CROCKER, William. O movimento messiânico Canela: uma introdução. In: SCHADEN, Egon (Org.). *Leituras de Etnologia Indígena*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

- \_\_\_\_\_. The Canela Diaries: Their Nature, Uses and Future. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 5, p. 33-55, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The Canela (Eastern Timbira): An ethnographic introduction*. Smithsonian contributions to anthropology. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.
- CROCKER, William; CROCKER, Jean G. *Os Canelas: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da Chapada Maranhense*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- CROCKER, William; CROCKER, Jean G.. *The Canela Bonding through kinship, ritual, and sex: Cases studies in cultural anthropology*. Series Editors: George and Louise Spindler. Holt: Rinehart and Winston Press, 1994. p. vii-ix.
- EDWARDS, Elizabeth. Material beings: objecthood and ethnographic photographs. *Visual Studies*, v. 17, n. 1, p. 67-75, 2001.
- ENTLER, Ronaldo. Para Releer a Câmera Clara. *Revista FACOM* n. 16. São Paulo, FAAP, 2006.
- GEISMAR, Haidy Malakula. A photographic collection. *Society for Comparative Study of Society and History*. 2006. p. 521-562.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: HUCITEC; ANPOCS, 1998
- HALBWACHS. M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004
- IUVARO, Fabíola. William Crocker's photographic collection among the Canela of central Brazil. Em: *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, vol. 11. No. 1. Pg 93-139, jan/junho 2017.
- JACKNIS, Ira. Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: Their Use of Photography and Film. *Cultural Anthropology*, v. 3, n. 2, p. 160-177, 1988.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etinne, *O Fotográfico*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Fotografia & Historia*. 2. ed. rev. Sao Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. A morte e as mortes de Curt Nimuendajú. UNB, *Série Antropologia* no. 64. Brasília, 1988.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- MELATTI, Júlio C. Curt Nimuendaju e os Jê. *Série Antropologia* 49, UNB, Brasília, 1985.
- MENDONÇA, João Martinho. (2009), O Fotógrafo Curt Nimuendajú. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, vol. 20(1), 2009.
- NIMUENDAJU, Curt. *The Eastern Timbira*. Translated by Robert H. Lowie. Los Angeles: The Southwest Museum, 1942.
- \_\_\_\_\_. *The Serente*. Translated by Robert H. Lowie. Los Angeles: The Southwest Museum, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Os Apinayé*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.
- \_\_\_\_\_. Nimongaraí. *Mana*, 7(2):143-149, 2001.
- OLIVEIRA, Adalberto Luiz Rizzo de. Messianismo Canela: entre o indigenismo e o desenvolvimento. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 11, v.18, n. 2, p. 183-214, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Ramkokamekra-Canela: dominação e resistência de um povo timbira no centroeste maranhense*. São Luís, EDUFMA, 2018.

---

\_\_\_\_\_. Apanjekrá, Memortum´ré: Os Canela na História. Filme Etnográfico (DVD). FAPEMA-UFMA, 2019.

PEREIRA, Nunes. (1946). *Curt Nimuendaju: síntese de uma vida e obra*. Museu Emílio Paraense Emílio Goeldi, 1946. Disponível em<: <http://biblio.etnolingustica.org>>. Acesso em junho de 2024.

SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

WAGLEY, Charles. Introduction. In: CROCKER, William. *The Canela (Eastern Timbira) I, An Ethographic Introduction*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

WELPER, Elena M. A Aventura Etnográfica de Curt Nimuendaju. *Tellus*, ano 13 no. 24, p. 99-120, 2013.

\_\_\_\_\_. Retratando Curt Nimuendajú: Exposição Fotográfica. Catálogo virtual. Consultado em 21/06/2024. Disponível em: <https://wordpress.com/post/retratandonimuendaju.wordpress.com>

---

## NOTAS

<sup>ii</sup> Os Apãjekrá e Ramkokamekra-Canela são classificados na família linguística Jê, falantes da língua Timbira, vinculada ao tronco Macro-Jê. Habitam em região de cerrados no Centro-sul do Maranhão, respectivamente na Terra Indígena Porquinhos (80.000 hectares) e Terra Indígena Kanela-Memortumré (125.212 hectares), demarcadas e homologadas.

<sup>ii</sup> Em 1906, contratado pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, o alemão Curt Unkel foi adotado pelos Apapocúva-Guarani e recebeu, na cerimônia *Nimongarái*, às margens do rio Batalha, o nome que incorporou a partir de então: Nimuendaju, “o que cria ou faz o seu próprio lar”, “o que arranja um lugar para si”, “aquele que fez residência entre nós” ou, ainda, “aquele que soube abrir o seu próprio caminho neste mundo e conquistou o seu lugar” (GRUPIONI 1998, p. 174).

<sup>iii</sup> Laraia narra que seus primeiros trabalhos publicados em *Zeitschrift für Ethnologie* em 1914 e 1915, foram assinados como Curt Nimuendajú-Unkel. Nas publicações posteriores, teria abandonado o sobrenome germânico e, “naturalizou-se brasileiro em 1922 adotando o nome de Curt Nimuendajú. Morreu entre os Tukuna, no Alto Solimões, em dezembro de 1945”. (LARAIA 1988, 1)

<sup>iv</sup> Melatti aponta que “Nimuendajú desenvolveu pesquisas nos mais diversos pontos do território brasileiro, mas aquelas que realizou entre os Jê ocupam um período bem definido de sua vida” (MELATTI 1985, 1). Para um cronograma das viagens realizadas aos Canela e outros povos Jê, ver ANEXO 1.

<sup>v</sup> Os Jê Setentrionais são classificados em Timbiras Orientais – Apaniekra, Ramkokamekra, Kreyê, Krepumkateyê, Krikatí e Pukobyê, localizados no Maranhão; Parkateyê, no leste do Pará e Krahô, no Estado do Tocantins, e em Timbiras Ocidentais - Apinayé, no Tocantins. (NIMUENDAJU 1946)

<sup>vi</sup> Os Ramkokamekra resultam de um amálgama étnica entre diversos povos Timbira ocorrido no século XIX, como consequência das guerras movidas por agentes coloniais no Maranhão. Atualmente adotam como auto-denominação étnica o termo Memortum´ré. (NIMUENDAJU 1946)

<sup>vii</sup> Como resultado de revisão demarcatória, o território oficial dos Ramkokamekra-Canela foi ampliado com a criação da Terra Indígena Kanela-Memortumré, a qual aguarda a regularização pela FUNAI. Esse processo encontra-se paralisado por ação de prefeitos e outros agentes locais junto ao Supremo Tribunal Federal, com base na tese do Marco Temporal. Situação semelhante atinge os Apaniekra, em relação à Terra Indígena Porquinhos-Aldeia Chinela. As decisões tomadas pelo Congresso Nacional e pelo Supremo Tribunal Federal definirão o futuro destas e de outras terras indígenas no Brasil.

<sup>viii</sup> Em 1912, os Kenkateyê, subgrupo vinculado aos Apaniekra, localizados nas cabeceiras do rio Alpercatas foram atacados por vaqueiros a mando de um fazendeiro local, que assassinaram grande parte deste grupo. Os Kenkateyê foram, então, considerados etnicamente extintos Este evento ficou conhecido como “massacre da Aldeia Chinela” (NIMUENDAJU 1946; OLIVEIRA 2018).

<sup>ix</sup> Da ‘moderne Ethnologie’ à Etnologia Indígena moderna: Curt Nimuendajú e a tradição germânica nas terras baixas da América do Sul. PAPP-FAPERJ 2012-2017 (WELPER, E. 2017)

<sup>x</sup> WELPER, Elena M. Retratando Curt Nimuendajú: Exposição Fotográfica. Catálogo virtual. Consultado em 21/06/2024. Disponível em: <https://wordpress.com/post/retratandonimuendaju.wordpress.com>

<sup>xi</sup> As fotografias de Curt Nimuendaju sobre o Kokrit foram objeto de análise de Nilvânia Amorim, em sua dissertação de Mestrado apresentada junto ao PPG em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Renato Athias. (BARROS 2013)



---

<sup>xii</sup> The Non Adaptation of a Savanna Indian Tribe (Canela, Brazil) to Forced Forest Relocation: An Analysis of Ecological Factors. *In* Anais (Io Seminário de Estudos Brasileiros, 1971, Universidade de São Paulo) 1:213 381. São Paulo. 1972. (CROCKER, W. 1972)

<sup>xiii</sup> The Canela (Eastern Timbira), I: An Ethnographic Introduction. Smithsonian Contributions to Anthropology. Washington, DC: Smithsonian Institution Press. 1990. 487 p (CROCKER. W. 1990)

<sup>xiv</sup> Steven Schecter and William H. Crocker. Mending Ways: The Canela Indians of Brazil. Video/DVD, color, 49 minutes. Schecter Films and National Human Studies Film Archives, Smithsonian Institution. Princeton, NJ: Films for the Humanities and Sciences. 1999. ([www.films.com](http://www.films.com), search “Canela.” Last accessed November 4, 2008.)

<sup>xv</sup> Canela Vengeance: Formerly compulsory, currently dissipated. *In*: Revenge in the Cultures of Lowland South America. Gainesville, FL: University Press of Florida. In Press.

<sup>xvi</sup> Changes in Canela Marriage over 30 years: From Authorizing to Stealing. Um capítulo dentro de um livro aceito para ser publicado pela University Press of Florida.

<sup>xvii</sup> Minha pesquisa com os Canela vai em uma direção similar. Em meu trabalho abordo questões históricas envolvendo os Canela, desde o século XIX e o alcance dos povos Timbira pelas frentes agrícola e pastoril, a “guerra de pacificação”, os conflitos com regionais e relações com agentes tutelares até o movimento messiânico de 1963, o qual Crocker acompanhou de perto.(OLIVEIRA 2018)